

Restolho

Mudar a Mudança

Depois, preteri a minha presença no Chat de relações porque queria o *real deal*, fosse para uma coisa rápida, fosse para uma relação estável, fiel e verdadeira, coisa que eu sempre procurava e que, nessa demanda, fui percebendo um padrão das mulheres que me apareciam, fossem ou não de Lisboa... Ainda tinha cigarros para uma noite que se previa longa, ou seja, eu detestava críticas porque levava as coisas a sério, por isso o meu trabalho no Bloco, que talvez fosse um bloco operatório se não tivesse tento no meu intento. A minha mente desenhava, desenhava-se, desunhava-se para mostrar a ela mente que estava viva. Aí, eu acreditei em Deus, porque ele não estava somente na Igreja, mas dentro do meu sono, do meu coração sofredor. Acreditava que era melhor, maior, mais eficaz, mesmo no tempo do DN Jovem, foi havia tirado tudo, em várias universidades, estranhamente ou não, a injustiça mantinha-se, ao que eu era o primeiro culpado, insistia ainda na troca numa sociedade que, por outro lado, também a conhece. Defeitos do capitalismo? Não se pode ser feliz? E as qualidades? Somos pessimistas quando não satisfazemos os nossos instintos, ou violentos, quando vemos a nossa vida ameaçada. Daí a (minha) importância da filosofia, chegava a ser maniqueísta e ameaçado pensar assim... Mas, ao menos ouvia-se a minha voz e eu, ainda, de um lado para o outro como o Dom João V no Palácio da Pena.

Num dado momento, descobri realmente o que me atormentava: eu tentava ser eu, não imitar mais o meu pai, por mais que insistisse (nisso), por mais que quisesse ser como ele, honrá-lo (Lisón-Tolosana). Sim, simpatizara com Sócrates naquele tempo ido, talvez ainda simpatizasse com ele, como com O Carlos Cruz. Mas eles tiveram a sua oportunidade e eu buscava, muitas das vezes apenas dentro da minha própria cabeça, a

minha *chance*, a minha identidade alterava-se, mudava, aperfeiçoava-me e era, nesse tempo, um razoável escrito, com um razoável êxito. O tempo está na mão esquerda, ou nas duas mãos ao mesmo tempo. Ele persegue-nos, a talhe de foice, tal como nós mesmos o buscamos, iludindo-o no ardil da competição, copiando copiosamente a América desde os anos 20...

Na verdade, mal consigo evitar a autobiografia nos meus escritos, mas é deferente com o pensamento abstrato, diríamos que é mais “cigano” do que o de alguns...

Sabia, por meu turno, que haveria de chegar ao fim, ao meu fim, mas tal não me preocupava assim tanto, é como o trabalho, pode ser repetitivo, mas quando chegamos a casa ficamos como que em paz para com a sociedade, à saciedade, sem mais delongas. Mas é que aí começa o pesadelo, ser útil em casa, **Ter** valor...

Em certa medida, a vida, pelo menos nos dias de sempre, é uma corrida, quem é mais rápido chega lá primeiro e acaba por nascer, mais cedo ou mais tarde, desde que não abortem a nave pelos caminho...

Rastro, lastro, trilho. Eis uma forma de entender porque foste a Espanha, à França e ainda hoje o teu pé está nos maços de tabaco, podias queixar-te à entidade que fez o trabalho, armar-te de vítima e percebes que, talvez, nunca largues o tabaco, a não ser que a ampulheta das drogas legais te leve a ser menos alucinado e mais focado... Portanto, falar de ti mesmo foi a forma que encontraste de fazer parte, de Ser e Pertencer, *au-delá* de qualquer prosa existencialista...

Victor Mota

